

Queda dos preços alerta para o risco de recessão no Brasil

FGV adverte que redução pode sinalizar enfraquecimento da economia

Rio - Ainda é cedo para falar em recessão, mas é preciso acender uma luz amarela. Se a queda dos preços industriais se generalizar e afetar os insumos será ainda mais grave. A advertência é dos economistas Lauro de Farias e Antônio Salazar, do Instituto Brasileiro de Economia (Ibre), da Fundação Getúlio Vargas e será tema da Carta do Ibre na edição do próximo mês da revista Conjuntura Econômica. Segundo eles, a queda dos preços registrada nos últimos dois meses, aliada à diminuição da produção industrial, pode significar uma desaceleração da economia rumo a um cenário de recessão a longo prazo. Os economistas alertam ainda que esse baixo crescimento da economia pode levar o Governo a um fracasso nas próximas eleições, com um descontentamento da população.

Eles apontam três fatores como causadores da queda em agosto nos índices que medem a inflação: o fenômeno climático El Niño, que amenizou a baixa temperatura, antecipando as liquidações do comércio; o crescimento da safra agrícola, impactando positivamente nos preços agrícolas; e diminuição nos preços dos produtos industriais.

Os dois primeiros fatores são considerados pelo economista Lauro de Farias como despreocupantes. O primeiro tende a desaparecer, e o segundo gera redução da pobreza e aumento das exportações. Mas, na opinião dele, o último fator tem de ser observado com mais cautela pelo Governo. Ele lembrou que o índice de preços de bens de consumo duráveis no atacado apresentou variações negativas de 0,05% em julho e 0,7% em agosto; e o de produtos industriais (ambos formando subgrupos do IPA-DI, da FGV), variações de 0,5% e multa, respectivamente, nos mesmos meses.

Segundo o economista, a queda nos preços dos produtos industrializados

pode sinalizar um reflexo de um ajuste das empresas à nova realidade da economia, com a forte entrada de competidores estrangeiros no mercado nacional. Para isso, seria necessário que o recuo nos preços não viesse acompanhado por um aumento no número de empresas com prejuízo este ano. Farias ressalva que é preciso observar se a indústria manteve as mesmas taxas de

está limitando o crescimento econômico e, por isso, restringindo a absorção de mão-de-obra.

"Para conseguir aliviar o déficit externo, o Governo precisa diminuir o ritmo da atividade econômica.

Isso obriga que, a cada vez que o nível de atividade começa a dar sinais de uma recuperação mais forte, o Governo adote medidas para que a economia desacelere", afirma Farias. Ele explica que a economia "não é um táxi que pára na velocidade que o Governo quer, até porque, a equipe econômica trabalha com estatísticas defasadas". E acrescenta: isso atrapalha na hora de fazer um ajuste mais profundo.

Os economistas lembram que desde 1995, o

Produto Interno Bruto vem crescendo abaixo das expectativas do Governo. Em 95, a estimativa era de uma expansão em torno de 6%. Naquele ano, o País cresceu apenas 4%. No ano passado essa situação se repetiu. O PIB aumentou 2,9%, abaixo da previsão inicial de 3,5%. O resultado deverá se repetir este ano. Em janeiro, o Governo apostava num crescimento de 4,5% do PIB. Hoje, a equipe econômica já fala em expansão de 3,8% este ano.

De acordo com Lauro de Farias, a decisão do Governo de manter a economia com crescimento moderado pode prejudicar o desempenho dos partidos da base de sustentação política do Executivo nas próximas eleições, já que o aumento do desemprego reflete também essa desaceleração da economia.

lucratividade. Caso contrário, a situação pode demonstrar um enfraquecimento da economia.

"O Governo precisa perceber que existe risco dessa desaceleração resultar em uma recessão no País", acrescenta Lauro de Farias.

Os economistas do Ibre explicam que a economia brasileira ingressou em um processo de *stop and go* desde a implantação do Plano Real por conta do desequilíbrio das contas externas. Segundo eles, a falta de equilíbrio do balanço de pagamento

